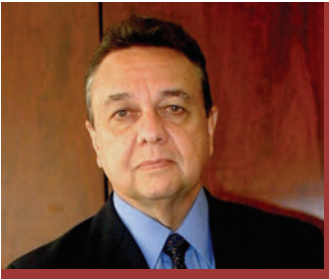


Diário de bordo

Dezembro em Copenhague



Roberto Rodrigues*

CERCA DE 200 países se reunirão em Copenhague em dezembro próximo para a COP 15 (15ª Conferência das Partes), para rever a questão das emissões de gases de efeito estufa em todo o planeta. Na verdade, é muito mais do que isso. O mundo estará debruçado sobre o próprio futuro da humanidade, uma vez que o aquecimento global provocado pelas emissões dos GEE pode levar à desertificação de milhões de hectares em todos os continentes, reduzindo a oferta de alimentos à população ou aumentando seus custos de produção.

Não há dúvida de que ao final desta importante reunião será publicado um documento com metas a serem cumpridas por todos os países, presentes ou não. Espera-se que este documento tenha muito mais consistência que o resultado da última reunião do G8, que apenas tangenciou o assunto, sem compromissos maiores.

A dúvida é se os países cumprirão sua parte. Os Estados Unidos até recentemente se negaram a executar as propostas de Quioto. Felizmente, isso mudou com o novo governo americano, mas como reagirão outros países? Quem os obrigará?

Embora haja muita incerteza quanto a isso, o Brasil não pode ficar à margem do processo. Ao contrário, na nova economia verde que se desenvolverá no pós-crise financeira global, tem um papel relevante

a jogar, até mesmo liderando certos segmentos, como é o caso da agroenergia, uma vez que as emissões de CO₂ da cadeia cana/etanol equivalem a apenas 11% das emissões de CO₂ da gasolina. Nosso imenso território, nossa excelente e preservacionista tecnologia agropecuária, a Amazônia, o pantanal e outros biomas podem se constituir em trunfos que darão ao Brasil uma dominância na temática da sustentabilidade.

Para isso, precisamos de coordenação. O setor privado precisa se organizar bem. Há dezenas de boas e sérias instituições estudando o assunto, se preparando para oferecer propostas e sugestões. Dezenas! Mas falta coordenação, articulação entre os setores produtivos, os consumidores e os ambientalistas. Essa coordenação é essencial. Só assim será possível levar ao governo uma posição firme e definida do que pensa a sociedade brasileira.

Depois, é preciso que haja coordenação também dentro do governo: são muitos ministérios cuidando da matéria, com visões às vezes divergentes. A unidade é fundamental. E a articulação entre o público e o privado é o único caminho.

Mesmo que as ações depois de Copenhague fiquem abaixo das expectativas, o Brasil precisa assumir seu papel protagonista neste momento precioso da história universal e, depois da COP-15, fazer o que precisa ser feito em benefício da humanidade. Aí entra toda a temática da sustentabilidade, com a questão do Código Florestal (ou Ambiental), das reformas de leis velhas, da rastreabilidade e certificação, dos serviços ambientais, da preservação da água e do solo, e um sem número de temas que somos plenamente capazes de resolver. Se nos unirmos. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Respeito ao produtor rural



Cesário Ramalho da Silva*

POR MEIO do seu trabalho pioneiro, o produtor rural é o personagem da nossa sociedade, que dá segurança à integração do Brasil desde o descobrimento. Responsável por abastecer com alimento barato a mesa dos cidadãos brasileiros, o produtor também leva nossos produtos (alimentos, fibras, energia) a mais de 150 países, esforço que já garantiu à nação bilhões em reservas cambiais.

Ao sustentar as exportações, o produtor é o protagonista do agronegócio, setor que impulsiona o PIB e multiplica empregos. O fato é que, se a agricultura e a pecuária vão bem, a indústria produz e o comércio limpa a prateleira. O agro transfere benefícios aos demais segmentos da economia.

Entretanto, para cumprir essa missão, o produtor sente a cada dia o aumento de custos e o achatamento das margens. Para manter-se competitivo e produzir com sustentabilidade, ele tem de incessantemente investir em tecnologia, em gestão, na certificação de processos e produtos, a fim de atender as exigências dos mercados doméstico e internacional. E tudo isso custa, e muito.

Por isso, é imprescindível que a sociedade brasileira, especialmente a que vive nos grandes centros urbanos, reconheça a importância do produtor para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil.

Todavia, o reconhecimento só virá se as entidades, que representam os produtores